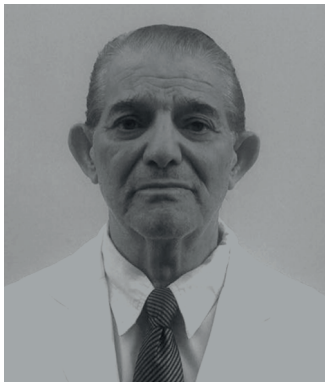




PROGRAMA
HISTÓRIA
ORAL

DOUTOR
GLYCON CARDOSO



ENTREVISTA CONCEDIDA PELO DOUTOR GLYCON CARDOSO AO PROGRAMA HISTÓRIA ORAL DO TJDF

Dr. Glycon Cardoso nasceu em Iraí de Minas, em Minas Gerais, no dia 29 de janeiro de 1943. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro na década de 1960, em seguida, obteve o título de Doutor pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), defendendo a tese: “Tireolinfografia – Um Estudo Comparativo para Avaliação de Câncer de Tireóide”. No Rio de Janeiro (antigo estado da Guanabara), de 1969 a 1970, fez residência da 2ª Clínica Cirúrgica, no Hospital de Bonsucesso (INPS-GB), Serviço do Professor Pedro Abdalla. Em Brasília, formou-se em Bacharel em Direito – Centro Universitário do Distrito Federal – UNIDF, com o trabalho de final de curso “Responsabilidade Civil e Penal Médico-Hospitalar à Luz dos Tribunais”. Pós-Graduado em Direito – Faculdade UNIPLAC (Curso Sui Juris). “Responsabilidade Civil e Penal Médico-Hospitalar à Luz dos Tribunais

na Vigilância do Patrimônio Genético”. Membro Associado da Sociedade de Gastroenterologia de Brasília e da Associação Médica. Membro também do Colégio Brasileiro de Cirurgiões. Fez concurso como bolsista dos Hospitais da Guanabara – E.S.P.E.G., realizado em 1966, no Hospital Estadual Getúlio Vargas. Foi bolsista também do Hospital dos Marítimos (IAPM) em Niterói/RJ. Por meio ainda de concurso foi bolsista para Cirurgia Geral do Hospital dos “Servidores da União” (IPASE). Atuou como médico do INPS do Distrito Federal e da “Unidade de Terapia Intensiva” do 1º Hospital Distrital de Brasília– FHDF, no período de 1969 a 1970. Foi médico da Fundação Hospitalar do Distrito Federal – Hospital de Base de Brasília – Unidade de Terapia Intensiva – no período de 1970 a 1973. Exerceu a chefia do Centro Cirúrgico do Hospital Regional de Taguatinga (HRT), em 1973. Foi Coordenador e Preceptor da Residência Médica – Pós Graduação em Clínica Cirúrgica do Hospital de Base do Distrito Federal, no período de 1974 a 1990. E ainda, Diretor de Serviços Médicos do Hospital Docente Assistencial de Brasília – Atual HUB – no período 1980 a 1987. Desde

1985 e até a presente data, Secretário de Saúde e Coordenador do Serviço Médico do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios – TJDF. No magistério, professor do Curso de Medicina da Universidade Católica de Brasília, desde 2005.

Desembargadora Carmelita Brasil

Dr. Glycon, antes de mais nada, queríamos agradecer ao senhor a gentileza de nos receber para dar esta entrevista. Dizer que, além de ser uma pessoa extremamente querida por todos nós magistrados, temos também um reconhecimento muito grande pela grandeza do seu serviço dentro do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios.

Começando nossa conversa, gostaríamos que o senhor nos dissesse alguma coisa a respeito do início da sua vida, sua infância, sua família.

Dr. Glycon Cardoso

Minha família é muito unida. Devo ao meu pai e minha mãe toda a minha orientação de conduta social, individual e profissional.

Nasci em Iraí de Minas, que era Município (Distrito) de Monte Carmelo/MG, naquela ocasião. Com o passar do tempo, meu pai mudou-se para Monte Carmelo/MG e, aos 6 anos de idade, fomos para uma cidade, do interior de Minas Gerais também, chamada Grupiara, que era Município (Distrito) de Estrela do Sul, hoje emancipada, mas naquela ocasião era município (distrito). Lá, fiz meu curso primário, onde tive a felicidade de conhecer uma professora que me acompanhou em todo o curso fundamental, antigamente chamado de primário, do 1º ao 4º ano.

Quero registrar por que sou muito grato a essa pessoa pelo ensinamento, conduta e prote-

ção que ela teve comigo. A senhora vai me permitir contar um fato recente a respeito dessa professora, que aconteceu no hospital durante uma cirurgia.

Mas, nessa ocasião, fiz o primário com ela, no Grupo Escolar Cel. José Faleiros de Aguiar – um indivíduo que sempre ajudou a nossa cidade. Essa professora foi minha única professora de primário. Ensinou-me tudo, desde conta de somar, dividir e multiplicar e, muito teatro, sempre me colocava em uma peça importante para ela.

Depois do primário, fui para Monte Carmelo prestar (a prova de) admissão ao (curso de) ginásio. Ela me orientou como fazer a prova e passei. Comecei a fazer o ginásio em Monte Carmelo, em escola pública. Havia um colégio de freiras, que só admitia mulheres, e criaram um colégio para homens. Foi um colégio que me ensinou muito, havia um diretor, Dr. Mário Moreira, que era um advogado exemplar e meu tio, que era sócio do colégio, na época era fundação, e fiz o Ginásio, 1º, 2º, 3º e 4º ano ginásial (últimos anos do atual Curso Fundamental). Chamava-se Colégio Tomás de Aquino. Logo após, fui para Araguari prestar (prova de) admissão a uma vaga no (curso) Científico (atual Curso Médio), no Colégio Regina Paz, dos Padres. Passei no exame e fiz o Científico. Conheci pessoas extraordinárias. Quero registrar aqui o Professor Max, um padre holandês, que me ensinou muito de química, física, biologia, e que tinha um conhecimento extraordinário.

Quando estava no 3º ano do Científico, jogava futebol no Fluminense de Araguari. Fui chamado para jogar no Nacional de Uberaba, um time mais evoluído, e lá fiz o 3º Científico.

Desembargadora Carmelita Brasil

Já era profissional? Rendia-lhe alguma coisa ou não?

Dr. Glycon Cardoso

Só pagava o colégio, já era alguma coisa. Ajudava muito meu pai, que era comerciante e sempre lutou com muita dificuldade.

Desembargadora Carmelita Brasil

Nessa época, a medicina já entrava nos seus planos ou ainda não?

Dr. Glycon Cardoso

Sempre entrou, desde a D. Antonieta, desde o (curso) Primário (primeiros anos do atual Curso Fundamental).

Desembargadora Carmelita Brasil

O pai comerciante. Havia algum médico na família, antes do senhor?

Dr. Glycon Cardoso

Não. Só tinha meu avô, que era um charlatão, e cuidou muito bem de Monte Carmelo/MG. Ele ajudava aquela pobreza toda. Criou o São Vicente de Paula, dava banho nos pobres, ajudava todo mundo. Mas, não tinha formação, era autodidata. O irmão dele era Dr. Osório de Moraes, criou um laboratório em Belo Horizonte. Tinha uma irmã também, a tia Nida. São naturais de Estrela do Sul/MG. Minha avó sempre contava histórias sobre meu avô, disse que

até apendicite chegou a operar, sendo charlatão chegou a fazer a medicina em Monte Carmelo.

Sempre tive vontade de ser médico. Era menino, lembro muito bem, pegava mamão, abria, costurava, fazia cirurgia. Quando o mamão estava podre, tirava a parte podre, colocava um enxerto, fazia um transplante. Tinha 7, 8, 9 anos. A D. Antonieta, minha professora primária que nunca esqueço, dizia que eu tinha um pendor e uma maneira muito peculiar de ser um grande médico.

Em Uberaba/MG, joguei no Nacional Esporte Clube. Também pagava meu colégio, Triângulo Mineiro, cujo dono era um deputado; hoje, dono do UNIUBE e da Faculdade de Medicina de lá. Esqueci seu nome, era escritor também. Criou o Colégio Triângulo Mineiro, onde estudei.

Fiz o final do 3º ano Científico no Diocesano, e passei um ano em Uberaba. Foi um ano muito feliz na minha vida, onde conheci uma pessoa que me orientou muito na vida chamado Francisco Cândido Xavier¹, com quem convivi um ano. Foi quem me ensinou tudo de bom. Toda segunda-feira à noite e toda sexta-feira à noite estava com ele. Chamava-me de Cardosinho. Mandava-me sentar à mesa junto com ele. Deu-me grandes lições na vida. Lições de conduta e de moral.

Quero contar para a senhora uma parte interessante, em que chegou um grupo de São Paulo, inclusive alguns

1 Conhecido como Chico Xavier, foi um médium, filantropo e um dos mais importantes expoentes do Espiritismo. Faleceu em Uberaba/MG em 30/6/2002. É reconhecido como o maior "líder espiritual" do Brasil.

eram atores, naquela ocasião, querendo criar um Partido Espírita Cristão. Era para ele assinar o livro de abertura. Eu estava junto a ele, sentado em um banco, e ele disse assim: “Minha senhora, não vim ao mundo para partir, vim para unir. Por isso, não posso assinar esse livro da senhora. Acho que não pode haver partido espírita. O espiritismo não é um partido, é uma filosofia que se reveste de um manto religioso, mas que tenta unir.” E disseram: “Então, vamos mudar o nome para União Espírita Cristã.” (Ele respondeu:) “Mas, a união de vocês é muito ruim. União de políticos é uma reunião muito ruim. A senhora me perdoe de coração. Não vou assinar esse livro da senhora.” Esse foi um grande aprendizado que tive com ele. Ensinou-me como é que se conduz.

Outro fato interessante também foi quando ele, contando a história daquelas mortes dos filhos, uma senhora falou que ele estava mentindo e cuspiu no rosto dele. Ele apenas limpou o rosto e disse: “Não, minha senhora, acreditar ou não é próprio de cada pessoa. O que estou falando não é para a senhora acreditar, é porque me orientaram a falar assim para a senhora. Mas, me desculpa se não é isso que a senhora quis ouvir”.

Conheci um indivíduo de uma humildade e de um conhecimento sem igual. Não encontrei no mundo uma pessoa como ele. Até hoje, em toda situação que vivi, em todas as sextas-feiras e segundas-feiras à noite.

Lembro muito bem, um grupo de Belo Horizonte esteve lá para construir um prédio, porque onde nos reuníamos havia uma biblioteca pequena e um salão grande, onde ele fazia as preces, psicografava, e disse assim: “Vamos construir para o senhor um prédio, porque o senhor merece.” Ele disse: “Meu filho, não faça isso não. Se o senhor construir aqui um edifício bonito, meus amigos vão embora e me deixam sozinho, e sozinho

não dou conta de nada. Sozinho não faço nada, preciso deles. Não faça isso, deixe como está. Aqui, no alto de São Benedito, local acima da exposição, em Uberaba, há vários indivíduos que precisam de casa, moram em barracos. Se o senhor quiser construir umas casas para eles, Deus vai agradecer o senhor demais. Mas não quero que faça aqui não. Meus amigos vão embora.”

Esses dois ensinamentos me marcaram a vida toda.

Desembargadora Carmelita Brasil

Nessa época, que idade o senhor tinha?

Dr. Glycon Cardoso

Tinha 17 anos. Ainda não tinha me inscrito no Exército. Depois, voltei a Araguari/MG₂ para fazer o tiro de guerra, e, logo após, fui para o Rio de Janeiro fazer o CPOR₃.

Nessa ocasião, ainda lembro muito bem, sempre depois das palestras, sentávamos em uma cozinha improvisada, onde tomava café e gostava de comer o que a gente chama de rosca, pão doce, que molhava no café e depois comia. Um dia, perguntei por que fazia aquilo e ele disse:

- 2 Tiro de Guerra (TG) é uma instituição militar do Exército Brasileiro. Os TGs são estruturados de modo que o convocado possa conciliar a instrução militar com o trabalho ou estudo, proporcionando a milhares de jovens brasileiros, principalmente os que residem em cidades do interior do país, a oportunidade de atenderem a Lei e prestarem o Serviço Militar Inicial.
- 3 Centro de Preparação de Oficiais da Reserva é a unidade de ensino do Exército Brasileiro responsável pela formação básica, moral, física e técnico-profissional do oficial subalterno da 2ª Classe da reserva.

“Porque meus dentes são ruins, tenho que protegê-los. Eles me ajudaram durante muito tempo. Agora, estou em uma idade em que tenho que protegê-los”. Realmente, ele veio para uma missão. Nunca encontrei nele algum fator contrário à conduta.

Lembro-me de uma vez em que chegou um pastor, agredindo-o, e ele disse: “Se o senhor quiser assistir, fique à vontade; se não quiser assistir à nossa reunião, fique à vontade também”. Naquela época, tentaram pular o muro para tirar fotografia dele pelado, são coisas ruins que aconteceram com ele. Dizia que tinha que passar por isso tudo, que fazia parte da sua vida. Na época em que teve hipertrofia de próstata, eu já estava estudando para o vestibular de medicina e perguntei: “Chico, você vai procurar o Zé Arigó?”.

Dr. Glycon Cardoso

E ele respondeu: “Não, vou procurar um médico. Porque o médico é que estudou. Não vou procurar Zé Arigó, não. Vou operar com um médico!”. E realmente ele operou no Hospital São José, em Uberaba, da hipertrofia prostática que ele tinha, porque tinha dificuldade para urinar, tinha uma disúria, uma dificuldade, e foi muito bem. Eu que perguntei e ele respondeu: “Não, não vou procurar Zé Arigó não. Vou procurar quem estudou. Você não vai estudar? Não vai ser médico? Então?”

De Uberaba/MG fui para o Rio de Janeiro.

Desembargadora Carmelita Brasil

Puxado pelo futebol ou não?

Dr. Glycon Cardoso

Puxado pelo futebol! Pelo Fluminense ainda!

Quando cheguei ao Rio de Janeiro fui fazer meu teste (no Fluminense Football Club) nas Laranjeiras e passei. Só que eles começaram a exigir um contrato e, então, atrapalhou minha vida, porque eu não podia ficar por conta deles. Esse contrato atrapalharia todo o meu estudo. O que eu queria era ser médico, não queria ser jogador de futebol. Ainda me lembro de uma frase quando saí de Grupiara/MG – aliás, já estava em Araguari/MG, fazendo o Científico – meu pai falou: “Você quer ser jogador de futebol ou médico? Você escolhe. Não pode ser as duas coisas ao mesmo tempo”. Eu respondi: “Não, pai, pode deixar que na época chegal!” Realmente, quando cheguei no Rio, fui fazer esse teste no Fluminense e eles exigiram que eu tinha que ficar o dia inteiro lá, então falei: “Não, acho que agora não vai dar para que eu continue no futebol”.

Cheguei ao Rio de Janeiro no dia 13 de novembro de 1962. Fui (em um) de caminhão que levava manteiga de leite da minha cidade de Araguari para o Rio de Janeiro, porque eu não tinha dinheiro para pagar a passagem. Fui na boléia de um caminhão, aquele FNM que tinha uma cama em cima e outra embaixo. O motorista era um sujeito muito bom. Levamos três dias para chegar, porque parava em todo lugar. Quando chegamos ao Rio de Janeiro paramos na Praça da Glória, no relógio da Glória e ele falou: “a rua que você fala, a Benjamin Constant, é essa aqui. Se você quiser procurar essa tal de Dona Maria é aqui que você tem que procurar”.

Desembargadora Carmelita Brasil

Quem era a Dona Maria que o senhor queria procurar?

Dr. Glycon Cardoso

Dona Maria era uma senhora que o pessoal de Uberlândia tinha me dado o nome. Ela era de Alfenas/MG e tinha uma casa que alugava quarto. Uma pessoa muito boa. Ajudou-me em todo o meu curso de Medicina. Ela criava vários gatos, dentro do quarto dela tinha uns dez gatos que moravam com ela. Ela era de Alfenas.

Então subi a Rua Benjamin Constant. Dom Helder Câmara ainda era Bispo naquela época no Rio de Janeiro. Subi a rua do Palácio e cheguei na casa da Dona Maria. Ela disse: "Não tem lugar, não. Mas, vou te arrumar um cantinho porque você é mineiro, e mineiro a gente não pode desprezar não!" Então me arrumou um cantinho lá, onde cabia uma cama e uma mesa para estudar. Nem armário eu tinha, colocava minhas roupas em cima de uns caixotes. Fiquei nessa casa com a Dona Maria. Com o tempo adquiri confiança e fazia a contabilidade dela, eu que somava todas as contas e que acertava as contas dela. A casa era alugada. No final da vida dela, quando quiseram construir um espigão, um prédio, eu que levei a Dona Maria para Alfenas, arrumei o caminhão, levei e fiz o transporte da mudança dela.

Em fevereiro começava o carnaval no Rio de Janeiro. Os colegas meus de Araguari que estavam lá disseram: "E aí, rapaz, estamos aqui há um ano fazendo cursinho (Cursinho do Professor Gallotti, que era o cursinho mais famoso, pré-vestibular) e você vem do interior e acha que vai passar?". Eu respondi: Estou tentando. Na vida temos que tentar, não tem outro jeito. Eu vou estudar aqui.

Fiquei de 13 de novembro que cheguei lá até acabar o carnaval, novembro, dezembro,

janeiro e fevereiro. Quando acabou o carnaval começou o vestibular no Maracanã.

Desembargadora Carmelita Brasil

As provas já eram no Maracanã?

Dr. Glycon Cardoso

Todas no Maracanã. Da Faculdade de Medicina federal e da estadual e que hoje é municipal. Naquela época era chamada Medicina em cirurgia, uma faculdade *ranae mani*. Eram quatro faculdades que tinha lá. Uma que era da Prefeitura, uma que era do Estado, e duas que eram federais. Prestamos o vestibular.

Conheci um rapaz que era muito bom, me ajudou muito, quero citar o nome, era de Campo Grande/MS, Carlos Garcia Filho. O pai dele era Juiz lá em Campo Grande, Mato Grosso. Ainda não havia separação dos Estados. Ele me ajudou muito, me emprestava apostilas, me indicava o que estudar. Não foi o pessoal de Araguari que era da minha terra, foi uma pessoa estranha que me ajudou.

Quando prestamos vestibular, as notas saíam imediatamente uma semana após a outra. A primeira prova que fizemos foi de Física. Lembro muito bem que falei para o Carlinhos: Você vai estudar na parte de Física, a parte de ótica porque vai cair. E, realmente, quando abrimos a prova tinha ótica lá. Todos nós juntos no Maracanã ele olhou para mim e confirmou. Saiu a nota de Física, eu passei e os outros que tinham feito cursinho não tinham passado. O Carlinhos também passou. Depois fizemos Biologia, eu também passei e os outros não passaram. Quando

fizemos a de Química, eu passei e os outros também não passaram.

Tem umas histórias interessantes. Lembro que estávamos no ônibus, o Carlinhos e eu, no caminho tinha uma propaganda de flúor num painel e eu falei para o Carlinhos: Vai cair flúor, a importância de flúor para a dentição. Ele disse: "Mas eu não li sobre isso". Eu disse: Mas vai cair. Vamos achar aqui agora? Isso dentro do ônibus. Quando chegamos lá caiu mesmo na prova. Lembro que na prova de Biologia caiu fotossíntese. Eu havia falado para ele estudar fotossíntese porque seria a dissertação de Biologia. E realmente foi.

Nós passamos. Eu passei na faculdade federal e na estadual. Ele também passou. Estudamos juntos durante todo o curso de Medicina e formamos juntos. Ele foi para Mato Grosso, mas sempre mantemos a relação. Hoje ele é escritor e somos amigos até hoje.

De forma que tem esses acontecimentos. Passei no vestibular, que era um mineirinho que não tinha feito curso e os outros que tinham feito curso não passaram.

Desembargadora Carmelita Brasil

Que estudou em colégio do interior, sem renome.

Dr. Glycon Cardoso

Sem renome, sem nada. A vida é assim mesmo. Não debochei de nenhum deles. Acho que todos eles foram meus calouros depois, mas acho

que a vida é assim mesmo. A gente colhe o que planta, o que faz.

Desembargadora Carmelita Brasil

E nesse período todo de faculdade, então a família continuou no interior e o senhor sozinho no Rio?

Dr. Glycon Cardoso

Eu sozinho no Rio e com a Dona Maria ainda! Fiquei no pensionato da Dona Maria até o último ano. Nesse último ano é que o dono do prédio quis vender. Era um sobradinho e eu morava na parte de cima e esse senhor quis vender para construir prédio. Foi quando fiz a mudança da Dona Maria, ela já estava velhinha, então a levei para Alfenas e a entreguei para a sua família. É uma pessoa por quem rezo sempre, uma pessoa extraordinária. Então fui para a Rua 2 de Dezembro, no Largo do Machado, porque não tinha onde ficar e fui morar com Carlinhos, meu amigo, para terminar o sexto ano.

Um fato interessante também foi na formatura. Fui lá, fiz as fotografias, fiz tudo que mandaram e busquei minha bata. Escolheram o orador que era um amigo nosso, sujeito muito bom e bom orador. No dia da formatura o nosso paraninfo era Juscelino Kubitschek, em 1968.

Desembargadora Carmelita Brasil

Logo na Revolução! Nas vésperas do AI-5.

Dr. Glycon Cardoso

Ele foi preso. Assim que ele falou o discurso ele foi preso na saída do Teatro Nacional.

Desembargadora Carmelita Brasil

Isso está registrado mesmo.

Então aquela turma de Medicina é a sua turma?

Dr. Glycon Cardoso

É a minha turma. Ele foi o padrinho, o patrono foi Dom Helder Câmara.

Desembargadora Carmelita Brasil

Que foi transferido depois para Olinda por causa disso.

Dr. Glycon Cardoso

Foi transferido para Olinda depois disso. Então, realmente era um grupo, uma turma avançada. Depois do discurso Juscelino foi preso, lembro-me muito bem. Só que eu não fui para a formatura. Aconteceu algo muito interessante!

Vou contar pra senhora. Eu estava no Hospital Getúlio Vargas, na Penha. Na hora que eu tava pronto para sair, pra ir vestir a roupa, Carlinhos falou: “Glaycon, vai embora, vem que já vai começar, já estamos indo para o Teatro Nacional”. Nessa hora apareceu um senhor atropelado, que rompeu o baço. Então o Professor José Pinto, que é um Professor que admiro muito, disse: “Se você quiser ir para a formatura eu opero, mas estou cansado”. Eu falei: Não, este homem não pode morrer de jeito nenhum. Entrei na cirurgia, operei e perdi minha formatura. Não fui à formatura. Fui o único que não compareceu à formatura, infelizmente, por esse acontecimento. Não tive como sair do Hospital e largar o paciente também porque ele ia morrer, o sangramento era muito grande, era o baço todo rompido. Ali na Avenida Cardoso de Moraes, que é a avenida principal que tem na Penha, perto da Igreja, eu estava no

Hospital Getúlio Vargas e não quis sair, não quis deixar o Professor operar sozinho.

Desembargadora Carmelita Brasil

O espírito do bom médico é esse mesmo, é o da renúncia.

Dr. Glycon Cardoso

Então não fui. Não estava presente na formatura. Depois pedi desculpas para todos os que estavam lá. E cancelei o meu contrato com o Fluminense também. O Professor com quem eu trabalhava, Professor Pedro Abdalla, a quem devo muito, me ensinou várias técnicas cirúrgicas, operava com ele inclusive no interior do Rio de Janeiro.

Desembargadora Carmelita Brasil

Desde o começo do curso de Medicina houve o interesse por cirurgia?

Dr. Glycon Cardoso

Desde o começo. Vou contar uma história, quando passei no vestibular, de cabeça raspada, de boina amarela (que usava na época), chegou um rapaz de Araguari/MG a quem chamavam de Chico Dez. Chico Dez porque tudo para ele era dez. Ele dizia: “Me dá dez cruzeiros?”. Por isso Chico Dez. Ele tinha uma fimose e queria casar. Ele me falou: “Quem vai me operar é você, Glaycon”. Eu disse: Não, mas eu passei no vestibular agora, rapaz. Ele disse: “Estuda. Estuda e me opera.” Eu respondi: Mas eu não posso fazer isso. Cheguei para o Cristóvão, que era um que já estava no quarto ano de Medicina e pedi que me orientasse, porque o Chico dizia que tinha que ser eu.

Fomos para Nova Iguaçu/RJ⁴. Era onde o Cristóvão dava plantão, era um domingo. Entramos na Central do Brasil, fomos juntos: o paciente, o orientador e eu. Chegamos lá no Hospital das Freiras, em Nova Iguaçu/RJ, e opereirei esse rapaz. Depois de três meses ele estava casado, mora em Goiânia/GO e tem vários filhos.

Então, desde o primeiro ano, sempre. Se me perguntar, durante o tempo que fiquei no Rio de Janeiro nunca fui à praia, nunca fui ao Corcovado, nunca fui ao Pão de Açúcar. Fui com a minha mãe quando ela esteve lá, eu já estava quase no sexto ano de Medicina. Fui mostrar pra minha mãe o que era o Corcovado, o Pão de Açúcar e a praia. Fui levar meu pai. Todo sábado e domingo eu estava no hospital porque eu não tinha onde me alimentar e ficava no hospital ajudando as freiras em Nova Iguaçu/RJ. Ficava sábado em Nilópolis/RJ⁵ e domingo em Nova Iguaçu/RJ.

Essa foi minha vida toda. Era enfermeiro, dava injeção, fazia sutura e curativo, fazia parto. Elas tinham plena confiança em mim. Passei meus seis anos dando plantão todo sábado e todo domingo. A única vez que não fui (ao plantão), foi quando meu pai foi ao Rio de Janeiro para conhecer.

4 Nova Iguaçu é um município brasileiro do estado do Rio de Janeiro, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro/RJ.

5 Nilópolis é um município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro/RJ.

Acompanhei muito esse cirurgião, Professor Pedro Abdalla nas cirurgias. Ele desenvolveu uma tese de tratamento cirúrgico muito importante que ainda hoje é preservada. Ele já faleceu, mas sempre que ia ao Rio eu ia visitá-lo. No fim ele ficou com dificuldade de raciocínio, mas eu tinha muito carinho por ele. Lembro uma vez que estávamos em Volta Redonda/RJ⁶, operando uma técnica dele de Hipertensão Porta. Hipertensão Porta é uma esquistossomose, uma doença que dá no fígado, aumenta a pressão e dá varizes no esôfago e o sujeito morre vomitando sangue.

Dr. Glycon Cardoso

E ele inventou uma técnica de desviar esse sangue das varizes do esôfago para a via esplênica, que é a do baço, a via que vai para o baço. Aí você vivia dez anos sem problema nenhum. Nunca morreu ninguém com a cirurgia dele.

Uma vez, nós estávamos lá em Volta Redonda/RJ, e eu sempre ajudava. Aí eu falei: “Professor, o senhor não vai deixar eu dar os pontos, não?” Aí ele disse assim: “Por quê?” Eu respondi: “Porque o dia que o senhor tiver hipertensão, eu é que tenho que operar o senhor! Quem é que vai operar o senhor? O senhor mesmo?” Ele disse: “Ah, Glycon, você está certo! Então está bem. Então faça a cirurgia aí.”

6 Volta Redonda é um município da microrregião do Vale do Paraíba, na mesorregião Sul Fluminense, no estado do Rio de Janeiro. Conhecida como a “Cidade do Aço”.

Eu lembro que o Professor Alfred Blalock (5/4/1899 – 15/9/1962) era um professor de Los Angeles/EUA, um professor extraordinário. Baltimore. Ele esteve lá e ensinou essa técnica de dar ponto. Eram pontos invertidos, para não fazer coágulo. Fiz a técnica do Blalock, desse professor, e o Professor Pedro Abdalla falou assim: “Olha, Glycon, agora você pode me operar. Se eu tiver, você pode me operar.” Então esses fatos foram sempre me marcando.

Naquela época, o professor era catedrático, era o dono da cadeira. Ele falou: “Vou me aposentar e você vai ficar na cátedra. Anatomia vai ser sua. Anatomia clínica, anatomia cirúrgica... É sua. Vou passá-la para você.” Aí eu falei: “Mas como é que eu faço? Meu pai, minha mãe... não posso deixá-los sozinhos no interior”.

Eles moravam em Araguari nessa época. Aí fui a Araguari e busquei meu pai e minha mãe para conhecerem o Rio de Janeiro. E eu morava no 22º andar, nessa época, no centro da cidade, porque o Carlinhos já tinha feito residência. Eu estava fazendo residência médica, pós-graduação, e nós já tínhamos nos separado. Aí ele ficou lá na Rua Dois de Dezembro, no Largo do Machado, que é no Flamengo, e eu fui para o centro da cidade, que era o mais barato, um apartamento menorzinho, onde o (meu irmão) Cleton (Cardoso) morou comigo. Eu levei o Cleton para estudar Direito lá em Uberlândia. Fui eu que transferi o Cleton de Uberlândia para lá. Aí ele morava nesse apartamento.

O prédio se chamava Iту, um prédio muito alto. E eu cheguei com o meu pai lá e disse assim: “Pai, acho que vou ficar no Rio de Janeiro. E o senhor precisava vir pra cá, o senhor e minha mãe.” Ele chegou no 22º andar e falou: “Onde é o quintal aqui? Eu quero plantar alguma

coisa.” Aí eu falei: “Ah, pai, aqui não tem quintal, não.” Aí ele falou: “Então eu não fico aqui, não. Você fica, mas eu não fico.” Aí eu falei: “Onde o senhor gostaria?”. Aí ele disse: “Brasília”. Eu disse: “Ah, então tudo bem, então vou prestar concurso em Brasília. O senhor pode ficar tranquilo”. Foi o motivo de eu ter vindo prestar o concurso para médico em Brasília, na Secretaria de Saúde.

Desembargadora Carmelita Brasil

Era uma das perguntas que nós não poderíamos deixar de fazer. Por que essa mudança de rota, não é? Sair do Rio de Janeiro, onde tudo estava tão bem encaminhado e vir para Brasília.

Dr. Glycon Cardoso

Tudo encaminhado. Porque a minha tese de doutorado foi feita sobre doenças linfáticas, que era pouco conhecido na época. Os franceses tinham um aparelho que fazia a injeção do contraste no sistema linfático.

O linfático, ele é difícil. Porque nós temos a artéria, temos a veia e temos o linfático. O linfático é que conduz todas as proteínas, todas as substâncias nutritivas do ser humano. À medida que nós vamos envelhecendo, os linfáticos vão acabando. Aí nós vamos nos enrugando, o colágeno vai desaparecendo, aí nós vamos ficando velhos. É o linfático que dá esta estrutura harmoniosa da pele.

E eu fiz a minha tese de doutorado em linfático, porque o Professor Pedro Abdalla falou: “Glycon, ninguém conhece. E você gosta muito disso.” Aí eu fiz um aparelho imitando o aparelho francês, que era sobre prensa, com peso. Eu derreti vários canos de estanho e fiz um peso para empurrar todo o líquido dentro do linfático.

E o linfático, ele não tem luz própria. É uma luz virtual. Aí precisava de um contraste próprio, que se chamava, em francês, *bleu* patente. É um patente que só colore o linfático. Aí a gente injetava isso no cutâneo, o linfático aparecia, esse vaso. Aí eu o cateterizava com uma agulha fininha e colocava nessa prensa – um caixote que eu fiz com peso em cima, mais nada que isso. Eu tinha isso até pouco tempo aqui e fazia.

Foi a primeira coisa que eu fiz em Brasília também para descobrir um linfoma do Professor Pinheiro da Rocha, que operou o (ex-Presidente da República) Tancredo Neves. Ele não sabia o diagnóstico e fui eu que fiz o diagnóstico para ele de linfoma em uma senhora, com esse aparelho.

Então, minha tese de doutorado foi só sobre linfático, os cânceres de tireóide. Eu fazia tirolinfografia, que é uma técnica nova que nós estudamos – porque a tireóide é um tecido altamente linfóide, tem muito tecido linfóide semelhante à linfa. Hoje, com a tomografia, com a ressonância, você não precisa mais disso. Mas naquela época não tinha. Aí eu injetava o contraste na tireóide e pegava todos os cânceres suspeitos. A suspeição era uma forma de a gente poder fazer uma cirurgia mais alargada, uma cirurgia mais curativa, naquela ocasião.

O Professor Vidal gostava muito de mim. Todas as palestras ele me chamava para fazer, no Colégio Brasileiro de Cirurgias, lá no Rio de Janeiro, em Botafogo, e fora. Nós fomos uma vez para Cuba, ele me levou para Cuba.

Naquela ocasião ele fez uma
pales-

tra em Cuba. Eu me lembro muito bem que ele tinha uma vontade comunista muito grande. Não era comunista, ele achava que o ser humano tinha que ter amizade, tinha que ter um grupo, não podia ser separado. E, quando veio o golpe militar, ele morava na Rua Bambina, em Botafogo, ele tinha muito livro russo, ele gostava muito da ciência russa, ele falou: “Glycon, vá lá em casa e queime aqueles livros todos, viu?”. Eu fui lá e queimei todos os livros dele.

Desembargadora Carmelita Brasil

Ah, meu Deus!

Dr. Glycon Cardoso

É, porque senão ia ser ruim para ele, coitado. Realmente ele nunca teve nada, mas era um sujeito que gostava muito da ciência russa, porque a ciência russa era muito desenvolvida, tinha técnicas muito desenvolvidas, e, no Brasil, a ciência americana é que entrava mais.

Desembargadora Carmelita Brasil

É verdade.

Dr. Glycon Cardoso

Ainda me lembro muito bem do professor Abdalla, quando falei para ele: “Olha, o meu pai não quer ficar aqui, não.” Aí ele foi lá convencer o meu pai. Falou: “Olha, nós compramos uma casinha para o senhor lá na zona norte do Rio. Lá tem casinha. Tem casinha e tem quintal, aí o senhor planta.” Aí meu pai falou: “Não, mas não gosto dessas barulheiras daqui, não. Se meu filho quiser ir para Brasília, eu vou. Mas aqui eu não fico, não.” Aí acabei vindo aqui, prestando concurso para a Secretaria de Saúde e passei.

Prestei para o IPASE, porque foi inaugurado naquela época o Hospital Garrastazu Médici, que era o Hospital dos Servidores da União, o HSU. Eu era dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro e aqui se criou o Hospital dos Servidores da União, que era o Hospital Garrastazu Médici, e que hoje é o Hospital Universitário de Brasília. Eu passei também e acabei vindo para cá. Despedi-me do professor.

Desembargadora Carmelita Brasil

Quantos anos de formado o senhor já tinha quando veio para Brasília?

Dr. Glycon Cardoso

Três anos já. Eu fiz dois anos de residência médica e fiz um ano de doutorado. E devo lembrar aqui ainda – foi bom a senhora falar – do professor Maurício Villela, que era dono de um laboratório. Ele me ajudou em toda a minha formação de pós-graduação, na tese de doutorado. Ele é que patrocinou os meus livros de pós-graduação, que eu tenho até hoje. Ele é que patrocinou todos os fármacos que eu precisava. Todos: desde o contraste, até o lipiodol, que era feito de óleo de papoula, para poder contrastar o linfático. Ficava durante 72 horas no linfático para estudar os linfonódulos, os gânglios, como se chamavam. Eu devo ao professor Maurício Villela. Foi meu professor de bioquímica e é um sujeito que me ajudou muito. Tinha um laboratório que se chamava Laboratório Maurício Villela, que acabou falindo, mas era um sujeito extraordinário. Não poderia deixar de citá-lo de jeito nenhum.

Desembargadora Carmelita Brasil

E, de Brasília, doutor Glycon, para o TJDFT, qual foi a ponte que o levou para o Tribunal?

Dr. Glycon Cardoso

A história é interessante. Eu fui para o Hospital de Base, inaugurei a terapia intensiva, que não existia aqui, junto com o doutor Miguel Marcondes, que era um deputado da época, deputado estadual por Mato Grosso, e nós criamos a UTI. Antigamente se chamava CTI – Centro de Tratamento Intensivo. Aí ele me chamou: “Glycon, você vai ficar no CTI.” Fiquei dois anos com ele, organizando a UTI lá no segundo andar do Hospital de Base. Eu e alguns outros colegas cardiologistas, nós montamos a UTI. Aí depois eu falei: “Mas eu gosto de cirurgia, não quero ficar em UTI.” Aí prestei, dentro da própria fundação, um concurso interno – que antigamente podia – para passar para cirurgia-geral. Aí fui para Brazlândia. Passei, em Brazlândia, quase um ano. Depois fui para Taguatinga, no hospital São Vicente de Paula – não tinha o Hospital Regional de Taguatinga ainda – aí fui cirurgião lá. Aí, o doutor Milton Rabelo, que já faleceu – a esposa dele foi até funcionária nossa –, que foi diretor do Hospital de Base, me chamou. “Glycon, quero que você venha para cá. Quero que você seja cirurgião aqui.” Aí eu fui do Hospital São Vicente de Paula para o Hospital de Base.

No Hospital de Base, como eu tinha o contrato do IPASE, a UnB me chamou para o Hospital dos Servidores da União e eu comecei a dar aula na UnB. Fiquei algum tempo lá no Hospital Presidente Médici como professor da UnB. Eu fazia parte do Conselho da UnB, mas eu queria que aumentassem as vagas da UnB, porque eu achava que as vagas de medicina eram muito poucas.

Desembargadora Carmelita Brasil

E são muito poucas até hoje.

Dr. Glycon Cardoso

É, e uma estrutura muito grande para poucas vagas. Mas eles não aceitaram. Vou contar uma história para chegar ao porquê de eu ter ido para o Tribunal.

Naquela ocasião, Aymé Lamaison foi indicado Governador do Distrito Federal. Eu prestei um concurso para o Instituto Médico Legal – IML. Passei para o IML, mas eu não podia ficar no IPASE, na Fundação Hospitalar e no IML. Três não eram possíveis. Dois, sim. Aí eu fiz uma opção pelo IML – isso foi em 1980, 1982 – e fiquei meio enrolado, porque não era o que eu queria. Aí cheguei para o Jofran Frejat, que naquela época foi indicado Secretário de Saúde pelo Aimé Lamaison, e falei: “Frejat, vamos fazer uma faculdade de medicina aqui em Brasília, porque 50 vagas é muito pouco”.

Desembargadora Carmelita Brasil

É, muito pouco.

Dr. Glycon Cardoso

Tem vaga para militar transferido, tem vaga para não-sei-o-quê...

Meus filhos vão começar a estudar, vão ficar grandes, vão querer fazer medicina, os seus filhos também. Vamos fazer? Aí ele falou: “Vamos construir o hospital do HRT.” E ele foi construir o Hospital Regional de Taguatinga. Se a senhora for lá, no hospital, verá que é o centro cirúrgico mais bem-bolado que há, porque é um centro cirúrgico redondo, que nós

bolamos para que não houvesse contaminação. E ali seria, na nossa imaginação, outra faculdade de medicina que a Fundação ficaria ou particular, como fosse. Mas, naquela ocasião, a vida deu muitas voltas. O Aimé Lamaison foi operar de próstata no Rio, o Frejat foi acompanhá-lo. E depois mudou, houve outra indicação de outros governadores. Sei que Frejat saiu da Secretaria de Saúde, aí nós não concluímos isso aí, não concluímos essa faculdade de medicina que nós queríamos. Mais tarde ele fez a Escola Superior de Ciências da Saúde – ESCS, que o Frejat inaugurou com (governador) Joaquim Roriz, que é fruto daquele projeto antigo. E acho que o Frejat fez muito bem de ter feito isso aí. Fez tardiamente, mas fez.

Aí, nessa ocasião, eu estava no IML e me lembro muito bem de que lá no Hospital Universitário dois juízes me procuraram: Dr. Lécio Resende e Dr. Nívio (Geraldo) Gonçalves. O Dr. Lécio Resende (da Silva) estava icterico, amarelo, e estava na maca para ser operado. O médico ia operá-lo, ele passou no corredor, eu o examinei e falei: “Não, não pode operar não.” Eles achavam que era cálculo na vesícula. Eu falei: “Não, isso é uma pancreatite. Se vocês operarem esse homem, ele morre.” Eu não sabia que ele era juiz. Aí eu chamei o médico da época – não vou citar o nome porque não interessa para nós. Chamei o médico – desembargador Lécio Resende pode ser testemunha de tudo isso – e falei: “Você não vai operar ele não. De jeito nenhum. Se você o operar, ele não vai aguentar e vai falecer. Isso é uma pancreatite. Ele não tem cálculo na vesícula não.”

E ele realmente não operou, nós tratamos, ele melhorou e ficou meu grande amigo. E o desembargador Nívio Gonçalves junto também, porque os dois estavam sempre juntos.

Desembargadora Carmelita Brasil

É. Eles são muito amigos.

Dr. Glycon Cardoso

Muito. Aí me chamaram para o Tribunal. E o desembargador Eduardo Moraes Oliveira se juntou a eles.

Desembargadora Carmelita Brasil

Que, aliás, é meio parente do senhor, não é?

Dr. Glycon Cardoso

É primo. As nossas mães são irmãs. A mãe dele com a minha mãe.

Aí falou assim: "Não, você vai lá". Naquela época, quem era o Diretor-Geral era o Léo David. E o Presidente era de São Paulo, era o desembargador...

Desembargadora Carmelita Brasil

Não era o desembargador Valtênio Mendes Cardoso?

Dr. Glycon Cardoso

Não, não era não. Foi antes.

Desembargadora Carmelita Brasil

Desembargador Helládio (Toledo) Monteiro?

Dr. Glycon Cardoso

Desembargador Helládio Monteiro.

Desembargadora Carmelita Brasil

Foi o Presidente do Tribunal que me deu posse.

Dr. Glycon Cardoso

Pois ele que me deu posse também. Aí, os três me levaram para me apresentar ao Dr. Helládio Monteiro. Falaram: esse aqui é um grande médico. O desembargador Lécio fez aquele discurso. Ele é muito bom para discursar. E falou: então chama o Léo. Essa equipe tem que ser contratada agora, tem que ser nossa agora, tem que ficar aqui. Aí que piorou, porque estava no IPAS, IML, Fundação e Tribunal, aí não tinha mais jeito. Então, em maio de 1983, tive que decidir. Larguei o IML, deixei o IPAS, levei todo o meu tempo de IPAS para o Tribunal, teve um concurso interno na época, nessa época tinha ascensão. Fiz esse concurso e optei pelo Tribunal. Achei o pessoal muito amigo. Quando cheguei lá no Tribunal, só tinha dois médicos.

Desembargadora Carmelita Brasil

Isso que ia perguntar. Como era a estrutura do serviço médico do Tribunal naquela época, 1983?

Dr. Glycon Cardoso

Era o serviço social. Só tinha o Dr. Cristóvão, o Dr. Rodir e o Jacks, que entrou depois, que era um ortopedista. E tinha o Waldir, que era dentista também, funcionava do lado. Era o serviço social que atendia só as posses. E falei: mas serviço médico que atende só posse não tem sentido, acho que temos que mudar isso aqui.

Desembargadora Carmelita Brasil

Ah, não era um serviço médico regular diário, contínuo?

Dr. Glycon Cardoso

Não. Uma hora estava o Waldir, outra hora estava o Cristóvão. Não ficavam os três lá não. O único que passou a ficar lá das 15h às 19h fui eu. Eu dava minhas quatro horas lá impreterivelmente de segunda a sexta-feira. Porque deixei tudo, acho que a gente tem que ser honesto com a gente mesmo. Não adianta querer ser honesto com os outros se não for consigo. Aí ficava lá. Comecei a atender. Fui um dos primeiros a atender os servidores, os juízes, ainda lembro bem que o desembargador Hermenegildo Fernandes Gonçalves era juiz, e ele teve uma dor abdominal violenta. E ele estava quase prestes a ser indicado para desembargador naquela época. E ele me procurou. Coloquei-o numa maca, atendi, fiz a medicação.

Desembargadora Carmelita Brasil

Isso no Tribunal?

Dr. Glycon Cardoso

No tribunal. Em maio de 1983. Ainda me lembro bem. O desembargador Hermenegildo ainda não era desembargador, era juiz. E tinha um desembargador que tinha uma dor abdominal constante. Esse também tinha médico fora, mas, como estava atendendo, acabou me procurando, ele era baixinho, tem o nome da biblioteca.

Desembargadora Carmelita Brasil

Ah, era um de Juiz de Fora: Antônio Mello Martins.

Dr. Glycon Cardoso

Mello Martins. O Dr. Mello Martins, que já era desembargador à época, me procurou e disse: tenho uma dor constante no abdômen. Aí fiz um raio X nele e tinha uma calcificação de pâncreas. Falei: o senhor tem uma calcificação de pâncreas, essa calcificação que dá a dor. Como está só na metade do pâncreas, o senhor vai vivendo assim, não opera não, se o senhor operar, vai complicar.

Lembro que a secretária dele era muito conhecida da gente, uma pessoa muito boa. Ela lembra até hoje. Até hoje ela consulta comigo ainda. Falei assim: não opera não, darei uma medicação. Passei uma medicação antiespasmódica para ele, uma medicação para pâncreas e ele disse que não tinha mais dor. E mesmo assim ele foi para Belo Horizonte, acabou operando e acabou falecendo, porque deu uma hemorragia grave naquela ocasião.

Desembargadora Carmelita Brasil

Novo ainda.

Dr. Glycon Cardoso

Novo. Muito novo. Quando ele levantou da cama na alta, ele morreu sangrando, porque o pâncreas é uma coisa difícil. Eu tinha pedido para ele: como a calcificação do senhor é só na calda e corpo do pâncreas, quando atingir a cabeça do pâncreas, aí o senhor vai ter que operar. Mas têm muitos anos, o senhor pode viver muito tempo com isso. Mas não sei o que aconteceu e ele operou em Belo Horizonte e acabou falecendo. E esses acontecimentos foram fazendo com que eu me tornasse muito amigo do pessoal do Tribunal, tanto dos funcionários quanto dos juízes.

Desembargadora Carmelita Brasil

Então esse é um dado muito significativo para a história do Tribunal, Dr. Glycon. Quando o senhor chegou lá então, não tínhamos um serviço médico ainda.

Dr. Glycon Cardoso

Não tinha serviço médico. Tinha serviço social. Chamava-se serviço social. Tinha uma enfermeira, uma técnica de enfermagem e só, e esses médicos que vinham a cada hora: um vinha de manhã, o outro de tarde, outro não sei que hora.

Desembargadora Carmelita Brasil

E foi a partir do senhor que começamos a ter, de fato, um real serviço médico.

Dr. Glycon Cardoso

Serviço médico no terceiro andar. Inclusive criei agenda para atender. Atendia funcionários, os magistrados, começamos a atender. Foi aí que pedi, na época, ao atual Presidente da época, desembargador Antônio Honório P. de Oliveira Júnior, que sucedeu o desembargador... esqueço o nome dele...

Desembargadora Carmelita Brasil

Esse que deu posse para o senhor.

Dr. Glycon Cardoso

Helládio. Fui eu que internei o Des. Helládio no (Hospital) Santa Luzia. Ele tinha um enfisema muito grande, um problema pulmonar enorme, não teve como a gente salvá-lo, porque foi uma agressão muito grande pulmonar e ele acabou falecendo, mas eu que o internei no Hospital Santa Luzia. Aí falei com o desembargador Honório e ele disse: pode chamar quem você quiser. Aí chamei

uma ginecologista da Fundação (Hospitalar), porque não tinha concurso ainda. Chamei um pediatra da Fundação Hospitalar, da Secretaria de Saúde (do Governo do Distrito Federal). Aí comecei a criar ginecologia, pediatria, especialidade para poder atender o pessoal. Aí começamos a fazer um atendimento muito bom, atendimento no terceiro andar, o espaço era muito pequeno. Foi passando o tempo, e devo ao desembargador Nívio e ao desembargador Lécio a oportunidade de crescer, de ter expandido o serviço médico, sem dúvida nenhuma. Isso é um registro que quero sempre fazer. E o serviço odontológico.

Desembargadora Carmelita Brasil

Também. Exatamente. Ele veio a reboque o serviço odontológico.

Dr. Glycon Cardoso

Veio a reboque. O Tribunal não podia só ter serviço médico na sede, porque não era privilégio, tinha funcionários nos fóruns, tinha que atender esse povo. E foi realmente a partir de ofícios que pedi, aí transformamos o serviço social em serviço médico-odontológico. Aí passou a chamar SAMO – Serviço Médico-Odontológico. Depois, na época do desembargador Valtênio Mendes Cardoso, criei o DAM – Departamento de Assistência Médica e Odontológica. Aí comecei a colocar nos fóruns. Como eu não tinha muita gente, fazia rodízio.

Desembargadora Carmelita Brasil

Um fica um dia aqui e outro dia lá.

Dr. Glycon Cardoso

O de Brazlândia, o de Planaltina, um dia aqui, fazia.

Sabia: olha, tem dentista tal dia em Brazlândia; tem dentista tal dia em Planaltina; tem em Sobradinho; tem no Paranoá. Comecei a fazer rodízio com o pouco grupo que tinha, mas atendimento tanto odontológico quanto médico. Aí fomos crescendo. Aí veio o primeiro concurso e, nesse primeiro concurso, então aí criei um grupo mais... e quando houve aquela mudança, a interdição do bloco B, na época do desembargador José Jerônimo Bezerra de Souza, mudamos e fomos lá para um corredor do bloco A e, quando voltamos, já tínhamos uma área melhor, atendimento melhor, e criei nos fóruns todos os serviços, porque acho que temos que dar a todo o ser humano a oportunidade de merecer ou ter a oportunidade de ser bem servido onde ele estiver trabalhando.

Desembargadora Carmelita Brasil

E os juízes e servidores do Tribunal reconhecem muito isso. Acham realmente que o trabalho executado pelo serviço médico do nosso Tribunal é excelente.

Dr. Glycon Cardoso

A senhora sabe que, graças a Deus, somos reconhecidos, até quando tem perícia no STJ, eles é que nos chamam para fazer; no Supremo, eles que nos chamam; em Goiânia, já fomos fazer perícia para resolver problemas deles; no Ministério Público daqui; e, agora, recentemente, o Presidente do Tribunal de Tocantins nos chamou para uma perícia num magistrado lá que está dando problema administrativo. Então já nomeei (uma equipe) para irmos (lá) em Tocantins para prestar esse tipo de serviço.

Desembargadora Carmelita Brasil

É relevantíssimo.

Dr. Glycon Cardoso

Acho que nossa função é essa.

Desembargadora Carmelita Brasil

Não tenha dúvida.

Dr. Glycon Cardoso

Trabalhei para o Tribunal e amei. Ainda lembro muito bem que, quando operava no Hospital de Base, um cirurgião me disse: Glycon, por que você trocou o Tribunal pelo Hospital? E disse: não troquei não. Ainda venho aqui. É porque lá tenho amigos sinceros, amigos que me dão valor.

Desembargadora Carmelita Brasil

Isso é verdade.

Dr. Glycon Cardoso

Não é vangloriar. Nada disso, é que eles me consideram.

Desembargadora Carmelita Brasil

É verdade.

Dr. Glycon Cardoso

Acho que o reconhecimento é uma coisa muito importante.

Desembargadora Carmelita Brasil

Sem sombra de dúvida. A gente trabalha com outro ânimo. Com outra motivação.

Dr. Glycon, pelo o que estou vendo e já sabia disso, essa nossa conversa poderia se alongar para o resto do dia e que temos muita história, mas o tempo está acabando, já me avisou o rapaz do vídeo, e há pelo menos duas perguntas que não queria encerrar esse encontro sem fazê-las.

Qual foi a motivação para o senhor ir fazer o curso de Direito?

Dr. Glycon Cardoso

Bom, já convivia com os juízes, muitos deles me chamavam. Não vou citar, mas muitos me chamavam: Glycon, interpreta para nós essa regra aqui que não estou entendendo. Ainda lembro muito bem um caso: o pai era médico, o filho médico, e a mãe morreu de insuficiência renal por culpa deles e não por culpa do neurologista. E a condenação era do neurologista.

Desembargadora Carmelita Brasil

Aí uma ação de reparação de danos.

Dr. Glycon Cardoso

Sim. E disse: olha, preste bem atenção, aqui, o neurologista disse que ela tinha que usar a transfusão constantemente, fazer a hemodiálise constantemente, e o pai não levava e o filho não levava, e todos os dois eram médicos. A mãe não tinha esse conhecimento. Aí eles culparam o médico e foi nessa ocasião que ao juiz eu disse: está errado isso aí, o médico não tem culpa. Não estou a favor do médico. Pode ter erro? Pode, o erro pode existir, todo ser humano é passível de erro.

Desembargadora Carmelita Brasil

Justamente.

Dr. Glycon Cardoso

Todo ser humano é passível de erro. Mas nesse caso não.

E eles começaram a me chamar para outras argumentações em processo tal e tal, sempre guardando sigilo porque aquilo era importante, mesmo com a senhora fui uma vez conversar sobre um anencéfalo. Não sei se a senhora lembra, a senhora era juíza. Fui lá na Vara da senhora conversar sobre um anencéfalo, porque o médico estava pedindo para sacrificar um anencéfalo. Aí a senhora me disse, não esqueço nunca disso, a senhora era juíza e disse assim: a mãe tem que decidir. A mãe é muito importante nessa situação.

Desembargadora Carmelita Brasil

Sem dúvida.

Dr. Glycon Cardoso

O anencéfalo é inviável, mas a mãe tem que decidir também. E, nessa ocasião, a mãe era conhecida minha. E a mãe disse assim: o Glycon, meu pai quer que eu sacrifique, o meu marido quer, minha mãe quer, mas eu queria pelo menos deixar ele morrer no meu colo.

Desembargadora Carmelita Brasil

Maravilha.

Dr. Glycon Cardoso

Dois minutos. E foi o que aconteceu. A senhora tinha dado, mas o parto

foi no Hospital da L2 Sul. A criança nasceu, ela abraçou a criança, era um anencéfalo que tinha só o coto e viveu seis horas e acabou morrendo. Não sei se a senhora se lembra.

Desembargadora Carmelita Brasil

Não. Não me lembro.

Dr. Glycon Cardoso

A desembargadora Haydevalda Sampaio ainda era juíza e estava lá também nessa ocasião.

Lembro-me também de uma passagem importante em que a desembargadora Haydevalda Sampaio me pediu sobre um lote que estava em divisão e ela foi lá visitar, ver onde as estacas estavam. Juiz tem que fazer isso mesmo, ela fez o que era correto. Por que a cerca se muda para lá ou para cá? Assim, ela foi lá nesse local, em Brazlândia, e disse: “Não, se a cerca é aqui, aqui que ela fica. A vida toda foi aqui, por que tem que mudar agora?” Então, fui aprendendo muita coisa com vocês e achei que eu tinha de estudar, e que o Direito é uma ciência extraordinária.

Acho que todo ser humano, se pudesse, devia fazer Direito, principalmente nossos políticos que mexem com as leis, com o Legislativo, eles precisavam ter esse conhecimento, pois tem uma abrangência muito grande, um conhecimento da conduta de cada pessoa. Aí eu falei assim: “Vou fazer direito. Sei que vai ser sacrificante para mim.” Matriculei-me no Centro Universitário de Brasília – UDF e ia toda noite, nunca matei uma aula, nunca.

Desembargadora Carmelita Brasil

Que maravilha, hein?

Dr. Glycon Cardoso

Durante cinco anos nunca matei uma aula. Fiz meu curso, fiz pós-graduação, um mestrado no curso do desembargador Edson Alfredo Martins Smaniotto. Tenho até o título de mestrado em Direito sobre...

Desembargadora Carmelita Brasil

Responsabilidade civil.

Dr. Glycon Cardoso

...responsabilidade civil e penal do médico junto aos hospitais, na função hospitalar. Isso foi muito importante, tanto que hoje dou aula de Medicina Legal justamente por este conhecimento que eu tenho. O Instituto Médico Legal – IML sempre me recebeu de braços abertos – mesmo não sendo do quadro – sempre vou ao IML dar aula. Todo sábado estou lá dando aula, e o Direito me serviu muito, ajudou-me demais a conhecer vocês, a conhecer a profissão de vocês, as dificuldades que vocês passam...

Desembargadora Carmelita Brasil

Para decidir.

Dr. Glycon Cardoso

...para decidir o que é uma coisa, às vezes, imponderável.

Eu às vezes preciso decidir sobre uma doença, como no caso do desembargador Lécio Resende, que queria ope-

rar, e eu disse: “Não opera, senão vocês o matam. Vamos tratar, porque tem que ser tratamento.”

Às vezes têm coisas que o juiz acerta, então, para vocês é muito difícil e isso traz um sofrimento muito grande.

Desembargadora Carmelita Brasil

Sem sombra de dúvida.

Dr. Glycon Cardoso

Inclusive traz um transtorno, uma angústia muito grande para o magistrado. Tenho atendido magistrados angustiados e vejo que é por causa dessas decisões, dessas situações difíceis pelas quais eles passam de como fazer, como proceder.

Então, o Direito é muito importante, muito bom. Para mim, foi muito bom.

Desembargadora Carmelita Brasil

Então para encerrar, com pena de o nosso tempo estar se esgotando, eu faria uma última pergunta, Dr. Glycon: o que o senhor idealiza ainda, o que o senhor acha que o nosso serviço médico precisava ter, e que ainda não tem, para bem servir a comunidade do Tribunal?

Dr. Glycon Cardoso

A senhora fez uma pergunta de uma importância muito grande. Inclusive para alguns administradores já pedi, pois nós precisamos fazer um trabalho preventivo. O trabalho preventivo é o melhor trabalho que tem, principalmente junto aos magistrados e aos servidores. Criar uma equipe de trabalho para fazer os exames médicos, para avaliar, antes que a doença apareça, a existência de uma provável patologia. Isso é muito importante.

Lembro-me de que na última presidência do Luiz Inácio Lula da Silva ele colocou “exame periódico”, só que não deu dinheiro para isto, não colocou no orçamento e se a senhora for utilizar o plano de saúde, o plano de saúde quebra, o plano de saúde não suporta fazer exames periódicos, mas são exames que precisamos fazer.

Eu tenho a plena vontade e a plena confiança de que vou conseguir isso no Tribunal, fazer com que, lenta e progressivamente, eu possa realizar um estudo periódico, um estudo e um trabalho preventivos.

Desembargadora Carmelita Brasil

O caminho é maravilhoso.

Dr. Glycon Cardoso

É o melhor caminho para podermos evitar as doenças.

Recebi de uma servidora que teve uma doença que ela pensava incurável, ela me disse: “Dr. Glycon, lembro-me de uma palavra que você falou: nada é incurável. Não existe incurável. Existe aquilo que a gente não sabe”.

Eu me lembro de um professor francês que sempre me orientou na vida. Ele era barbeiro, começou em uma barbearia a treinar, Ambroise Paré⁷, que era um menino que via como o barbeiro fazia com a navalha e foi um grande cirurgião nas últimas guerras, e ele dizia assim: “Olha, nós não curamos, nós tratamos. Só Deus cura”. E eu dizia à servidora: “O que eu estou fazendo para senhora é um tratamento, nesse tratamento eu dependo da minha ação

7 Ambroise Paré, foi um cirurgião francês, nasceu por volta de 1510 em Bourg-Hensent, morreu em 1590, em Paris, França. Introduziu várias inovações na prática médica.

e da vontade da senhora. Se a senhora não tiver vontade de sarar, de melhorar, vai ser difícil. Não depende só da minha vontade. Agora, Deus cura, só Ele que cura, mas depende de nós dois, de eu ter vontade e a senhora ter também dentro de si a consciência de lutar contra isso.” E essa menina ficou boa, muito boa, e essas coisas vão nos ensinando como proceder na vida, como conviver.

Eu acho que o mundo precisa de mais amor, de mais carinho e de mais reconhecimento. O ser humano que não é agradecido não tem condição de viver. A gratidão é a arma mais importante que pode existir dentro de nós.

Sou agradecido ao Tribunal por tudo que ele me ensinou, por tudo que fez por mim, pelas oportunidades que todos os administradores me deram e, de coração, agradeço do fundo da minha alma, tudo o que eles fizeram por mim dentro do Tribunal.

Desembargadora Carmelita Brasil

Dr. Glycon, nós que agradecemos ao senhor. Sabemos da sua luta e estamos lá esperando, o mais breve possível, a implementação desse belíssimo projeto do qual o Tribunal certamente se orgulhará.

Muito obrigada.

Dr. Glycon Cardoso

Eu agradeço muito à senhora por estar conosco aqui hoje, e a essa equipe maravilhosa que nos ajudou nesta entrevista.

Desembargadora Carmelita Brasil

Muito obrigada.

◀fim▶

DATA DA ENTREVISTA

9/3/2016

LOCAL

Residência do entrevistado, Brasília-DF

ENTREVISTADO

Doutor Glycon Cardoso

ENTREVISTADORA

Desembargadora Carmelita Brasil

TRANSCRIÇÃO

Subsecretaria de Apontamentos – SUAPO

REVISÃO

Virgínia Reis da Costa – NUAMI

PROJETO GRÁFICO

Diego Vilani Morosino – ACS

DIAGRAMAÇÃO

Roberta Bontempo Lima – ACS



Dr. Glycon C

PROGRAMA
HISTÓRIA ORAL

DOUTOR GLYCON CARDOSO

NUAMI

Núcleo de Apoio à Preservação
da Memória Institucional

SEGD

Secretaria de Gestão
Documental

PVP

Primeira
Vice-Presidência

TRIBUNAL DE JUSTIÇA
DO DISTRITO FEDERAL
E DOS TERRITÓRIOS

TJDFT